

VITO BRUSCHINI

O chefão dos chefões

Tradução
Federico Carotti



Copyright © 2009 by Newton Compton editori S.R.L.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Father — Il padrino dei padrini

Capa

Marcos Kothlar

Foto de capa

O gângster americano Charle “Lucky” Luciano, nascido na Sicília, caminhando com amigos em Lercara, Sicília. 1948. Slim Aarons/ Stringer/ Getty Images.
Quarta capa: Assassinato no telhado, 1941, Nova York. Weegee (Arthur Fellig)/ International Center of Photography/ Getty Images.

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Jane Pessoa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Bruschini, Vito

O chefão dos chefões / Vito Bruschini ; tradução Federico Carotti. 1. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original : The Father : il padrino dei padrini.

ISBN 978-85-359-2061-1

1. Ficção italiana 1. Título.

12-01161

CDD-853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PRIMEIRA PARTE

1. 1921

O massacre de Borgo Guarine

A maldita noite do massacre de Borgo Guarine: era assim que os moradores do vale de Salemi lembrariam aquela noite de final de julho.

Não havia lua para iluminar a vastidão dos campos do latifúndio siciliano, mas o céu, negro como breu, estava semeado de milhares de pontinhos luminosos, e no zênite corria o rio da via láctea, parecendo que bastaria estender a mão para tocá-lo. Aquela claridade era suficiente para perceber os contornos das montanhas no horizonte. O calor do dia cedera lugar à leve brisa noturna que soprava do oceano, e a magia daquela paisagem, tão áspera e severa durante o dia, era suavizada pelo perfume das flores das laranjeiras e limoeiros.

Naquela noite maldita, Gaetano Vassallo desceu das serras da Montagna Grande, com dois de seus homens de maior confiança: Corrado e Mariano. Fazia pelo menos quatro meses que não via os filhos, o período mais longo desde que fora obrigado a se refugiar na floresta.

Os dois guarda-costas foram os primeiros a chegar a Borgo Guarine: Vassallo tinha parado ao abrigo de um arbusto de figos-da-índia para evitar possíveis emboscadas.

O silêncio da noite foi rompido pelo latido dos cães, alertados pelo trote dos cavalos dos dois bandoleiros. Corrado e Mariano se aproximaram do casario do

povoado, conferindo se não havia intrusos por ali. Olhos receosos espiavam por trás do escuro das persianas, fechadas com trancas. Os dois saíram em disparada em sentidos contrários, para inspecionar os dois lados do vilarejo. Mas não havia nenhum estranho ao redor. Então Corrado soltou um assobio fino e longo.

Gaetano Vassallo, dando um tranco nas rédeas do cavalo, saiu do esconderijo e galopou até os dois homens. Depois de se reunirem, os três pegaram a trilha da fazenda que saía do vilarejo e terminava, cerca de meio quilômetro adiante, na frente da casa de Geremia, irmão de Gaetano.

Na toca, cavada num declive natural do terreno pela divisão de engenharia das guardas reais, Gaspare ouviu os latidos dos cães, depois um assobio prolongado e então o pisotear dos cascos dos cavalos. Soergueu os torrões que os soldados tinham colocado para disfarçar o esconderijo e ajustou o foco do binóculo a fim de enxergar a herdade.

A escuridão e a distância não lhe permitiam distinguir os detalhes do casebre de Geremia Vassallo, mas, quando se abriu uma fresta na porta e o breu se clareou com um feixe tênue de luz, ele conseguiu vislumbrar uma sombra entrando furtivamente na casa.

Gaspare sentiu o coração na garganta. Lembrou das ordens do capitão Lorenzo Costa: “À menor suspeita, venha avisar correndo”. Aquela visita noturna era decididamente insólita. Arrastou-se para fora do esconderijo e saiu em disparada, a fim de cobrir o mais rápido possível os três quilômetros que o separavam de um posto avançado guarnecido por seus camaradas. Após cinco minutos de uma corrida desabalada, Gaspare chegou ao posto e ali, com um telefone de campo, avisou o quartel-general.

Uma hora depois, quarenta soldados da guarda real, comandados pelo capitão Lorenzo Costa, cercaram a herdade de Geremia Vassallo. Não tinham certeza se seu irmão Gaetano, o bandido mais perigoso do território de Salemi, estaria lá dentro, mas esperavam que sim. Tinham ordens de não o deixar fugir e capturá-lo de preferência vivo. Quanto aos outros dois bandoleiros, podiam decidir na hora: vivos ou mortos, não havia ordens precisas.

Os soldados, arrastando-se em grupos de três, se aproximaram da casa. Mariano, um dos dois guarda-costas de Vassallo, estava nos fundos, enquanto o outro, Corrado, vigiava a entrada.

A longa permanência nas matas desenvolvera nos bandidos a sensibilidade de captar sons e movimentos que não pertenciam à natureza. Mariano, de fato, logo ouviu um rastejar suspeito não longe de onde estava. Virou-se de chofre empunhando o mosquete e fitou a escuridão, tentando penetrá-la. De uma moita próxima, um jovem soldado se atirou de um salto sobre ele, tapou-lhe a boca e com o punhal cortou sua garganta, de um lado a outro. Apertou-o contra si e imobilizou-o no chão. Dali a pouco chegaram os outros dois companheiros que compunham o grupo com ele. Mas o bandido Mariano já deixara de respirar.

Corrado, o outro bandoleiro, percebeu o leve alvoroço vindo detrás da casa e chamou o amigo em voz baixa.

Um dos soldados assobiou em resposta. Corrado se pôs atento e ia avançar até o lado da fazenda. Aquele sinal não o convencerá. Mas bastou aquele breve momento de hesitação para que os dois grupos mais avançados saltassem sobre ele. Corrado pulou como uma cobra. Tinha o dedo no gatilho do mosquete. Assim que viu o vulto do primeiro militar se desenhando no céu, atirou e atingiu em cheio o peito dele. Mas, no instante em que puxou o gatilho, Corrado foi atingido por uma força sobre-humana que o jogou ao solo. Então dois, três, quatro, cinco soldados o atacaram e o mataram a golpes de punhal e baioneta. Uma dezena de outros soldados arremeteu contra a porta de entrada da casa, enquanto outros vigiavam as janelas da moradia para impedir qualquer rota de fuga, como lhes ordenara o capitão.

Assim que arrombaram a porta, os primeiros soldados entraram gritando que os moradores se rendessem. Mas, logo na entrada, encontraram Geremia armado de uma espingarda de caça. Com grande sangue-frio, ele atirou no primeiro que apareceu na soleira da porta e, numa rápida sucessão de tiros, abriu fogo contra o segundo soldado que tentou entrar. Os dois jovens militares tombaram por terra com um grito arrepiante. Enquanto isso, ouviam-se na casa gritos de mulher e o choro incontrolável de crianças.

À medida que Geremia se apressava em recarregar a espingarda, outros dez soldados irromperam na casa como um só homem.

Passando a entrada, ficava a cozinha com a lareira; no centro havia uma mesa grande e dois catres encostados nas paredes. O pequeno Jano, com medo, mas corajoso e sem chorar, rolou das cobertas e se escondeu embaixo da caminha.

Do quarto da tia, que dava diretamente na cozinha, Jano ouvia o irmão Giovanni chorar com todas as forças de seus jovens pulmões. Jano enfiou um pano na boca para não deixar escapar nenhum som. Debaixo da cama, viu muitas pessoas invadirem o quarto e se lançarem contra o tio Geremia, arrancando-lhe a espingarda das mãos, e depois foi um massacre. Viu com horror uma mão decepada cair ao lado da cama sob a qual estava escondido; depois ouviu alguns tiros e logo a seguir rolaram pelo chão pedaços de pernas e braços ensanguentados. O pequeno Jano, nauseado de horror, fechou os olhos, tapou os ouvidos e se encolheu no canto do refúgio improvisado. Ouviu a voz irreconhecível de sua tia Rosalia. Mas não pôde ver a mulher se jogar desesperada sobre o tio, recolher do chão as partes faltantes do corpo e, fora de si, tentar recompô-las. Os dez minutos seguintes foram uma orgia de gritos, disparos, objetos arrancados e jogados ao chão. E, para sua sorte, o menino não viu o que sua pobre tia teve de sofrer, mas os gritos dela ficaram impressos em seus ouvidos por muitos e muitos anos.

Alguém arrancou a mulher ao marido. Vestindo apenas a camisola empapada de sangue, agarraram-na brutalmente e violentaram cada centímetro de seu corpo. A mulher, enlouquecida de dor, em meio ao tumulto conseguiu pegar um revólver do chão e atirou em si mesma. Fragmentos de miolos espirraram no rosto do homem que estava em cima dela, o qual caiu de lado quando a bala ricocheteou e lhe estourou um dos olhos. Foi como que o sinal para a enésima orgia de sangue. Os soldados, ainda não saciados, se arremesaram sobre o corpo nu da mulher.

A insânia terminou com a chegada do capitão Lorenzo Costa, que teve de disparar alguns tiros ao alto para se fazer ouvir por aqueles homens transformados em feras. Exaustos, encharcados de sangue e saciados de violência, os soldados por fim se acalmaram.

O capitão Costa andou entre os destroços dos aposentos, tomando cuidado para não pisar com os coturnos em restos biológicos. Entrou no quarto de dormir: havia um menino deitado, com a cabeça arrebentada; devia ter talvez cinco ou seis anos. Aproximou-se de um grande berço e viu dois cadáveres de recém-nascidos. Mas depois percebeu que apenas um dos gêmeos fora asfixiado, enquanto o outro, uma menina de poucos meses, ainda parecia estar viva: talvez tivesse desmaiado com um golpe no rosto agora inchado.

Ninguém se deu conta de Jano, encolhido debaixo da cama, escondido sob um monte de cobertores.

— Onde está Vassallo? — bradou o capitão num tom que enregelou os homens em torno. — Vocês o deixaram escapar!

— Senhor capitão, daqui não saiu ninguém — interveio um dos soldados.

— Ficamos de guarda em todas as janelas. Da casa ninguém saiu.

De súbito um detalhe chamou a atenção de Costa. No assoalho embaixo do berço, viu algumas tábuas soltas. Mandou que afastassem a caminha e notou um alçapão que levava ao porão da casa, e dali, passando por um túnel natural, chegava-se ao lado de uma pequena colina próxima. Vassallo tinha fugido por ali, tão logo ouviu o tiro disparado por Corrado.

Aquela descoberta enfureceu o capitão. A responsabilidade de toda aquela loucura era exclusivamente sua. Havia submetido seus rapazes a uma pressão intolerável por tempo demais, na expectativa de encontrar o bandido. Tinha-os habituado à morte e agora a própria morte se tornara um detalhe de pouca importância para eles. Transformara-os num bando de animais ferozes. Uma matança sem precedentes. Sofreriam um processo do qual nenhum deles sairia ileso. Estouraria um escândalo. Era preciso descobrir rapidamente uma saída, ou sua carreira terminaria dentro daquela fazenda. Se pelo menos tivessem capturado Vassallo, tudo se tornaria mais aceitável. Poderiam dizer que tinham sido atacados pelo bandido e seus capangas e apenas se defenderam. Mas como justificar o massacre de duas crianças, ainda de fraldas, de uma mulher e de seu marido? Ao amanhecer todo o vilarejo estaria sabendo. Precisava encontrar uma solução. A responsabilidade deveria recair sobre um bode expiatório. O culpado teria de ser alguém interessado em eliminar a família Vassallo.

A decisão foi tomada. Ordenou aos subordinados que lhe entregassem um revólver e um de seus punhais ainda ensanguentados. Enrolou-os numa camiseta, que pegou no quarto de dormir, e mandou que um de seus homens de mais confiança, Michele Fardella, fosse esconder aquele embrulho na propriedade de Rosario Losurdo. Depois mandou que levassem os três cavalos dos bandidos para longe dali e os abandonassem num bosque, sumindo com as selas e os arreios.

Assim falou a seus quarenta canalhas e com eles selou um pacto infame.